

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: 262

Data: 30.11.83

Pg.: _____

Polícia intensifica busca a assassinos de cacique

Campo Grande — As Polícias Federal, Militar e Civil fecham o cerco em torno dos assassinos do líder indígena Marçal de Sousa, e à captura de João Bugre — um paraguaio — e um outro elemento que o acompanhou na noite em que desferiu cinco tiros contra o índio guarany Marçal de Sousa, poderá acontecer nas próximas horas, de acordo com informações da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Mato Grosso do Sul.

As circunstâncias que levaram ao crime somente serão elucidadas a partir da captura dos assassinos. Por enquanto circulam rumores de que o motivo foi a posição contrária por parte do índio, à permanência de fazendeiros em uma área de terra de 1600 hectares pertencentes aos indígenas da região de Antônio João, na fronteira do Estado com o Paraguai.

Uma filha de Marçal de Sousa, residente em Dourados, conhecida como Edna, e que não foi localizada, teria afirmado a amigos da família, entre eles o deputado Roberto Djalma Barros que pronunciou-se na Assembleia a respeito do crime —, que seu pai vinha sendo ameaçado constantemente de morte, caso não aceitasse a venda das terras dos índios a fazendeiros da região.

A versão apresentada nos jornais da capital, ontem, de autoria da Casa Civil do Governo do Estado, afirmava: que a mulher de Marçal teria sido a mandante do assassinato, inclusive num telegrama do governador Wilson Barbosa Martins, em resposta a uma arguição do deputado Djalma Barros, do PDS, ele esclarece o seguinte: "transmito a Vossa Excelência, em atenção telex desta data, primeiras informações colhidas pela Secretaria de Segurança Pública, com referência assassinato Marçal de Sousa".

Marçal teria sido assassinado por João Bugre a mando de sua esposa porque estava amasiado com Acêlina de tal. João Bugre está foragido na área do crime, devendo ser capturado e qualquer momento visto estar a área cercada por policiais civis e militares".

Durante pronunciamento ontem, na Assembleia Legislativa, o vice-líder pedessista Roberto Djalma Barros afirmou não ter dúvidas "de que a morte de Marçal foi obra de jagunços a sol de fazendeiros". O parlamentar nega-se terminantemente a dominar os possíveis mandantes do crime e afirma ter sido, na manhã de anteontem, ameaçado de morte através de um telefonema anônimo.